



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE
UNIVAG

Área de Ciências da Saúde

Curso de Farmácia



**USO DE ANTIDEPRESSIVOS POR ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Adna Herlez Pereira Martins

Várzea Grande-MT
2021



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE VÁRZEA GRANDE

UNIVAG

Área de Ciências da Saúde

Curso de Farmácia



**USO DE ANTIDEPRESSIVOS POR ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE: UMA
REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Adna Herlez Pereira Martins

Trabalho de Conclusão apresentado ao
Curso de Farmácia do **Centro
Universitário de Várzea Grande -
UNIVAG** como requisito para a obtenção
do grau de bacharel em Farmácia.

Orientador: Dr.^a Suellen Iara Guirra Rosa.

Assinatura:

Coorientador: Me. Cláudio Luis Venturini.

Assinatura:

Várzea Grande-MT
2021

SUMÁRIO

Introdução.....	5
Metodologia.....	8
Resultado.....	9
Discussão.....	12
Conclusão.....	13
Referências Bibliográficas.....	14

USO DE ANTIDEPRESSIVOS POR ACADÊMICOS DA ÁREA DA SAÚDE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Adna Herlez Pereira Martins¹

Suellen Iara Guirra Rosa²

Cláudio Luis Venturini²

- 1- Graduandos do curso de Farmácia do UNIVAG.
- 2- Farmacêutica Doutora do Departamento de Ciências Básicas de Saúde - UFMT. Docente do curso de Farmácia do UNIVAG. Farmacêutico Docente do curso de Farmácia do UNIVAG

Resumo

Introdução: A depressão é uma doença incapacitante que atinge por volta de 450 milhões de pessoas que sofrem de perturbações mentais ou neurobiológicas no mundo. Destaca-se a depressão, considerada a principal causa de incapacitação no mundo e com possibilidade de se tornar a segunda maior carga de doença até 2030. Essa patologia tem se tornado cada dia mais presente no cotidiano dos acadêmicos na área da saúde. **Objetivo:** Conhecer e investigar os aspectos da depressão em universitário da área da saúde, evidenciar o uso das principais classes de antidepressivos utilizados pelos discentes e investigando o uso racional desses medicamentos. **Metodologia:** Obtenção de dados secundária, mediante uma busca sistemática e hierárquica, utilizando o Google acadêmico dos artigos publicados entre 2010-2021. **Resultado:** De acordo com os dados coletados os universitários utiliza os medicamentos, sertralina, citalapram, fluoxetina, amitriptilina, paroxetina. O uso desses medicamentos produzem aumento na concentração de neurotransmissores na fenda sináptica através da inibição do metabolismo, bloqueio de recaptura neural ou atuação em auto receptores pré-sinápticos. **Conclusão:** A depressão é um problema de saúde pública, estimando-se que cerca de 30% da população mundial sofra desta patologia. Os antidepressivos têm reduzido a morbidade e melhorado a fisiopatologia da doença. Sendo assim, as especialidades farmacêuticas disponíveis no mercado têm sido consideradas eficazes no tratamento para todos os tipos de depressão, melhorando ou mesmo eliminando os sintomas, auxiliando na manutenção e prevenção de recorrência da patologia.

PALAVRAS CHAVE: depressão; universitários; fármacos antidepressivos.

Introdução

Aproximadamente 450 milhões de pessoas sofrem de perturbações mentais ou neurobiológicas no mundo. Destaca-se a depressão, considerada a principal causa de incapacitação no mundo e com possibilidade de se tornar a segunda maior carga de doença até 2030. Em segundo lugar apresenta-se a ansiedade, comumente associada aos casos de depressão e que tem um efeito importante na diminuição da qualidade de vida das pessoas (Leão Andrea et. al. 2018).

A depressão tem se tornado cada dia mais presente no meio acadêmico em universidades. Nos últimos anos, a saúde mental desses universitários tornou-se foco de atenção não só dos especialistas da área de saúde, mas da sociedade em geral, pois o sofrimento emocional do estudante da saúde não se limita a ele próprio, mas tem impacto emocional sobre sua relação com o outro. Neste sentido, segundo os dados epidemiológicos, indicam prevalências ainda maiores: ao redor de 10% na atenção primária e entre 20% e 30% entre pacientes internados por qualquer doença. O transtorno se caracteriza por determinação multifatorial: predisposição genética, ambiente estressor, características de personalidade e temperamento (DSM-IV, 1995).

No entanto, visto que tais transtornos fazem parte do seu conhecimento científico como também é de seu conhecimento que o tratamento da depressão e da ansiedade é feito principalmente por fármacos ansiolíticos e antidepressivos. Observa-se certo aumento do uso de medicamentos entre os estudantes, sem prescrição médica. Fato este que preocupa as autoridades no assunto, especialmente pela forma ilegal de aquisição dele. Segundo a convenção da ONU de 1971, quando o Brasil assumiu o compromisso do controle na dispensação dos fármacos ansiolíticos e antidepressivos, é necessário um receituário especial para adquiri-lo, pois apresenta risco de abuso e dependência (LUNA et al, 2018).

Um estudo realizado em 2005 discorre que não há como afirmar com certeza os motivos pelos quais tem se aumentado os casos de depressão. O fato é que a alta taxa de universitários depressivos tem se tornado algo preocupante entre jovens e adultos. Na pesquisa realizada na Universidade da Região de Joinville (SC) 40,7% dos universitários dizem estar deprimidos (MORO, et al., 2005).

Em uma pesquisa com alunos dos cursos de graduação da área da saúde de uma universidade do Rio de Janeiro em que abordou vários temas relacionados ao comportamento emocional, observou-se que houve um empate na escala de ansiedade, ou seja, 50% dos alunos apresentaram ansiedade e 50% não, quanto a

depressão, 56% apresentaram em relação à atuação profissional e acadêmica e 44% não apresentaram (SILVA et al, 2010).

Segundo Carlson (2002), existem algumas hipóteses para a depressão em termos biológicos: a hipótese monoaminérgica, a genética relacionada com os receptores e do sistema neuroendócrino.

Na hipótese monoaminérgica, a depressão é consequência da diminuição dos neurotransmissores (noradrenalina e serotonina) nas sinapses. A serotonina e a noradrenalina são removidas das sinapses, após a sua libertação, por um processo de recaptação pelo neurônio pré-sináptico. Após recaptação, estes neurotransmissores podem ser destruídos dentro do neurônio, pela ação enzimática da monoaminaoxidase (MAO), ou armazenados em vesículas, para serem liberados na fenda sináptica novamente (GOODMAN e GILMAN, 2007).

Na hipótese biológica genética para a depressão, a parte afetada são os receptores dos neurotransmissores, podendo resultar numa disfunção do número e da sensibilidade destes. Neste caso, a deficiência das monoaminas biogênicas resultaria da hipersensibilidade dos receptores monoaminérgicos que, por um mecanismo de *feedback*, diminuem a síntese e liberação destas (GOODMAN e GILMAN, 2007). O diagnóstico pode ser baseado por vários fatores, genéticos, biológicos, psicológicos, por abuso de substâncias ilícitas, instabilidade emocional, vulnerabilidade ao estresse, etc. A maior predominância são as perturbações da ansiedade e do humor (FONSECA, et al., 2013).

De acordo com (RANG, 2016.) o tratamento farmacológico para depressão é dividido em três classes farmacológicas principais:

- Inibidores da captura de monoaminas: Apresentam seletividade para bloquear a captura de serotonina ao invés de noradrenalina, sendo menos propensos a causar efeitos colaterais colinérgicos. Exemplo: Fluoxetina, paroxetina, setralina.
- Antidepressivos Atípicos: Possuem estruturas químicas únicas diferentes das outras classes de antidepressivos. Exemplo: Mirtazapina.
- Inibidores da monoamino-oxidase (IMAOs): Caracteriza-se como a primeira classe de antidepressivos modernos na década de 1950. Nos tempos de hoje, são dificilmente utilizadas na prática clínica, por conta dos registros de toxicidade e interações com alimentos e outros medicamentos. Ainda são prescritos no tratamento de depressão que não responde a outras classes de antidepressivos. Também são usados para o tratamento de transtorno de pânico e ansiedade. Exemplo: Tranilcipromina e Fenzina.

Nesse contexto, este trabalho trata de uma revisão bibliográfica com base em dados científicos. Bem como evidenciar o uso das principais classes de antidepressivos utilizados pelos discentes, relacionando os principais efeitos colaterais e investigando o uso racional desses medicamentos.

Metodologia

O estudo foi desenvolvido através de dados secundários obtidos através da revisão de literatura, sobre os estudos que compreende o uso de antidepressivos em universitário da área da saúde. A base utilizada foi o Google Acadêmico. A pesquisa teve como base o vocabulário da língua portuguesa, através de uma busca sistêmica e hierárquica.

A amostragem foi realizada por meio de busca sistematizada, dos quais foram selecionados estudos que continham informações sobre o uso de antidepressivo em acadêmico da área da saúde.

Em relação aos critérios de inclusão, os artigos selecionados em: Google acadêmico, estrito somente em língua portuguesa, que contemplava no sumário o termo usa de antidepressivo, publicado em junho de 2010 á setembro de 2020.

Como estratégia de buscar de artigos, foram utilizado os termos depressão; universitários da saúde; fármacos antidepressivos; sintomas que abordaram o uso de medicamentos antidepressivos na área da saúde. Foram observados nos artigos: ano de publicação, local do estudo, população do estudo, principais resultados encontrados sobre o uso de antidepressivos.

Análises de dados foram empregadas as seguintes etapas: seleção da base de dados, escolha dos termos, leitura do título e posteriormente o resumo; com o arquivamento da publicação selecionada obedecendo ao emprego dos critérios de inclusão acima para seleção do artigo. Foram excluídos da revisão os estudos que não se enquadraram nos critérios de inclusão citados **(Fig.1)**.

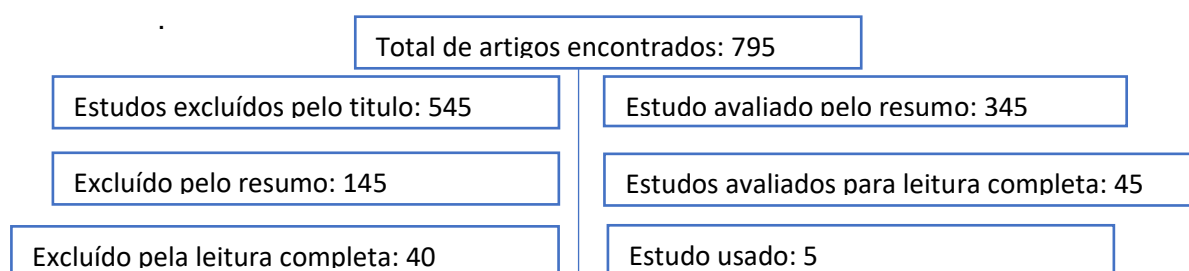


Figura 1: Fluxograma para a seleção dos artigos para a revisão bibliográfica.

Para este tipo de estudo não houve necessidade de análise por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), segundo o regramento estabelecido na Resolução CNS-MS nº 196 de 1996.

Resultados

Após a revisão da literatura segundo a metodologia descrita acima, foi realizada a seleção dos artigos relacionados ao tema e análise “Uso de Antidepressivos por Acadêmicos da área da Saúde”. Neste sentido, foram localizados 795 artigos científicos, 145 artigos foram selecionados. Após a leitura dos resumos desses artigos, 40 foram selecionados para a leitura, e posteriormente, 5 foram selecionados para este estudo acordo com o conteúdo que continham, identificando conceitos e aspectos relevantes à construção deste estudo.

Neste sentido conforme os cinco artigos analisados o ambiente acadêmico é possível encontrar um espaço que seja favorável para desenvolver habilidades e aprimorar outras anteriormente conhecidas que fazem referência à futura vida profissional e desenvolvimento da consciência pessoal (EURICH; KLUTHCOVSKY, 2008). Porém esse ambiente está longe de ser um lugar totalmente saudável para os universitários que estão em formação de caráter além de profissional, pois durante a sua formação de 25 a 45% dos acadêmicos apresentam algum transtorno psíquico (SAKAE, 2010). Tendo em vista a dura rotina de alguns estudantes que estudam e trabalham, além de outros fatores externos que podem desencadear transtornos psíquicos, como a depressão. Portanto a automedicação é um fator a ser levado em consideração, pois esse procedimento pode se tornar indiscriminado e abusivo, levando a efeitos colaterais não desejáveis e/ou até mesmo em quadros de dependência (SILVA; GUERRA, 2014).

Com os resulta da busca nas principais bases de pesquisa, apresenta que os acadêmicos da área da saúde mais sofrem, provavelmente devido ao fato desses futuros profissionais conviverem mais cedo com pacientes que sofrem desse e/ou de outros males- e conseqüentemente são os que mais utilizam os medicamentos da classe dos antidepressivos. Como exemplo: Enfermagem; Farmácia; Nutrição; Psicologia e Medicina, respectivamente, dos cinco artigos encontrados, como apresentado na Tabela 1.

Tabela 1: Frequência de cursos abordados nos artigos entre Junho/Setembro do ano 2010/2020.

Cursos	Frequência	Porcentagem
Enfermagem	4	84%
Farmácia	4	84%
Nutrição	2	33,33%
Psicologia	1	16,67%
Medicina	2	33,33%

Fonte: Elaborada pela autora, 2021.

Em relação aos dados sociodemográficos apresentados nos artigos encontrados, dividiu-se em faixas de idades, como: 18 a 22 anos, 23 a 28 anos, acima de 29. 75 % dos artigos encontrados declarou que a faixa de 18 a 22 anos era a faixa mais susceptível a depressão e ao uso de antidepressivos, quanto à outra metade informa que a faixa mais susceptível é a de 23 a 28 anos de idade. O que torna um dado bastante preocupante, de acordo com Resende et al. (2019).

Sendo 66,70% dos estudantes do sexo feminino, 33,33% do sexo masculino. Mulheres têm maiores chances de ter depressão por causa da maior alteração hormonal juntamente com fatores estressantes como a sobrecarga de trabalho, associada ao estudo, tarefas domésticas, cuidar dos filhos e ainda lidar com a desvalorização no mercado de trabalho (SANTOS, 2019).

Tabela 2: Frequência de dados sociodemográficos segundo os artigos entre Junho/Setembro do ano 2010/2020.

Dados	Porcentagem
18-22	75%
23-28	20%
Acima de 29	5%
Gênero	
Feminino	66,70%
Masculino	33,33%
Estado Civil	
Solteiro	66,67%

Fonte elaborada pela autora, 2021.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), as dificuldades da vida acadêmica tornam os estudantes universitários um grupo vulnerável ao transtorno depressivo, isso é um indício que o ambiente acadêmico é um forte fator de risco para o desenvolvimento da depressão (COSTA, MOREIRA, 2016).

Os antidepressivos mais utilizados por esses acadêmicos são evidentes a preferência para classe dos antidepressivos inibidores seletivos de recaptação de serotonina que é um neurotransmissor sedativo e calmante (PEREIRA; MICELI, 2018), pois em 100 % dos artigos pesquisados, essa classe foi à primeira opção de escolha desses jovens. Citalopram (Inibidor Seletivo da Recaptação de Serotonina) 14,4%, Fluoxetina (Inibidor Seletivo da Recaptação de Serotonina) 12,6%, Amitriptilina (Antidepressivos Tricíclicos) 8,5%, Paroxetina (Inibidor Seletivo da Recaptação de Serotonina) 8,6% e 18% utilizam outros fármacos.

Tabela 3: Medicamentos mais utilizados nos artigos entre Junho/Setembro do ano 2010/2020.

Medicamentos	
Sertralina	40%
Citalopram	14%
Fluoxetina	12%
Amitriptilina	8%
Paroxetina	8%
Outros fármacos	18%

Fonte elaborada pela autora, 2021.

Discussão

Para Cassimiro (2012), jovens acadêmicos sofrem constantes pressões no período de preparação para os exames. Medo, insegurança, cobranças familiares, sociais e até pessoais, são frequentes nessa época. A certeza da escolha profissional, por exemplo, pode receber influências e intervenções diretas ou indiretas da família e da sociedade. Dessa forma, a pressão da escolha pode aumentar os níveis de ansiedade e estresse nesse aluno, uma vez que o desejo profissional desses jovens pode não ser o mesmo da família e nem o mais socialmente aceito. Sem falar da possibilidade de esse aluno ainda não ter a maturidade para uma escolha profissional.

Estudar a saúde mental em estudantes universitários é particularmente importante numa época em que se verifica um aumento dos problemas de saúde mental nas sociedades contemporâneas em geral. Esses problemas têm impactos duradouros na saúde e no bem-estar dos estudantes, comprometendo o normal desenvolvimento e maturidade (cognitiva, psicossocial e vocacional), além de interferir no percurso acadêmico, diminuindo o rendimento e aumentando a taxa de abandono (ACHA, 2014; CHOW, 2010; EISENBERG, et al., 2013).

Neste sentido a tabela 2 revela que jovens entre 18-22 anos são os que mais sofrem de depressão, observou-se que são mais frequentes em mulheres. Estudos realizados por (RIBEIRO, et al., 2014), apontam que a maior prevalência de alunos que utilizam ou já utilizaram antidepressivos são solteiros, não tem filhos e não trabalham.

Na depressão, os antidepressivos se destacam por permitirem que o usuário seja mais sociável e, portanto, capaz de falar sobre seus problemas. Entende-se que o uso do medicamento pode ser uma estratégia fundamental para o início do tratamento, para que esta estabilidade seja conquistada. Estabilidade necessária para eficácia de outras formas de cuidados (NOGUEIRA, 2010).

Por fim, na tabela constatou-se que a Sertralina é o medicamento mais utilizado pelos acadêmicos conforme os artigos. Percebeu-se que é necessária uma atuação mais eficaz do farmacêutico nesse mercado, atuando, principalmente, no uso racional de medicamentos, interações medicamentosas, avaliação de seu uso e dispensação, assim como orientação farmacêutica para uma melhor terapia, seja ela medicamentosa ou não para quem precisa de cuidados especiais.

Conclusão

Diante da exposição dos artigos os antidepressivos Inibidores Seletivos da Recaptação de Serotonina (ISRS) foram os mais prescritos, sendo a Sertralina a de principal escolha e prescritas sob indicação médica. O sexo feminino foi o gênero que mais utilizou esta classe de medicamentos e faixa etária foi de 18 a 23 anos. Na população deste estudo, o farmacêutico não participou na orientação do paciente na fase que precede a administração do medicamento.

Para que os futuros profissionais da saúde exerçam suas funções futuramente de uma forma saudável, é necessário um apoio psicológico e assistencial a saúde mental, enquanto ainda se encontra em formação de caráter preventivo e resolutivo. Levando em consideração o índice de automedicação e o uso de medicamentos antidepressivos entre os acadêmicos da área da saúde, é necessário um estudo mais metuculoso sobre o assunto abordado.

Neste cenário, acredita-se que o farmacêutico exerce um papel fundamental no acompanhamento da farmacoterapia e na orientação quanto ao uso desses fármacos. Sendo assim, desenvolvendo ações integradas de prevenção, juntamente com outros profissionais da saúde, de forma a contribuir na qualidade de vida do estudante universitário.

Referências Bibliográficas

American College Health Association. (2014). Spring 2014 Reference Group Executive Summary Table of Contents. Hanover.

ARNOLD, L.E.; JENSEN, P.S. Transtorno de déficit de atenção. In: KAPLAN, H.I.; SADOCK, B.J. Tratado de Psiquiatria. Porto Alegre: Artes Médicas; 1999.

BAHLS, S. C., & Bahls, F. R. C. (2002). Depressão na adolescência: características clínicas. *Interação em Psicologia*, 6(1), 49-57.

CARLSON, N. R. Fisiologia do comportamento. São Paulo: Manole, 2002.

CASSIMIRO, Eber Eustáquio. Frequência do uso de psicofármacos entre jovens estudantes que cursam pré-vestibular. *Revista Adolescência e Saúde*, Belo Horizonte, v. 9, n. 4, p.27-36, out. 12. Bimestral.

CHOW, H. (2010). Predicting academic success and psychological wellness in a sample of Canadian undergraduate students. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 8(2), 473–496.

DELL'AGLIO, D. D., & Hutz, C. S. (2004). Depressão e desempenho escolar em crianças e adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 341-350. Retirado de: <http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a08v17n3.pdf>

DSM-IV (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*), 1995.

EISENBERG, D.; GOLBERSTEIN, E.; HUNT, J. B. "Mental health and academic success in college". *The B.E. Journal of Economic Analysis & Policy*, v. 9, n. 1, 15 Jan. 2009.

EISENBERG, D., HUNT, J., & SPEER, N. (2013). Mental health in American colleges and universities: variation across student subgroups and across campuses. *J Nerv Ment Dis.*, 201(1), 60–7.

FERNANDES MA, Vieira FER, Silva JS, Avelino FVSD, Santos JDM. Prevalence of anxious and depressive symptoms in college students of a public institution. *Rev Bras Enfermagem*. 2018.

FONSECA, Alexandra Brandão et al. Caracterização da população que recorre a uma

Consulta de psicoterapia hospitalar. **Psicologia, Saúde & Doenças**, v. 14, n. 3, p. 405-419, 2013.

GAVIN, R., REISDORFER, E, GHERARDI-DONATO, E., REIS, L., & ZANETTI, A. (2015). Associação entre depressão, estresse, ansiedade e uso de álcool entre servidores públicos. *SMAD. Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)*, 11(1), 2-9.

GOODMAN, L. S. e GILMAN, A. *As Bases Farmacológicas da Terapêutica*. 11ª ed. Rio de Janeiro, AMGH, 2007.

IBRAHIM, A. K. et al. "A systematic review of studies of depression prevalence in university students." *Journal of Psychiatric Research*, v. 47, n. 3, p. 391–400, mar. 2013.

LEÃO, Andrea Mendes et al. Prevalência e Fatores Associados à Depressão e Ansiedade entre Estudantes Universitários da Área da Saúde de um Grande Centro Urbano do Nordeste do Brasil Prevalence and Factors Associated with. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, n. 4, p. 55-65, 2018.

MARQUES, N. N. C. *Depressão em adolescentes e suas consequências: uma revisão bibliográfica*. 2014.

MORO, Adriana; VALLE, Juliana Barros do; LIMA, Leandro Prates de. *Sintomas Depressivos nos Estudantes de Medicina da Universidade da Região de Joinville*.

NEVES, L. A. *Tratamento Farmacológico Da Depressão*. Universidade Fernando Pessoa Faculdade de Ciências da Saúde Porto, 2015.

NOGUEIRA, R. P. A determinação objetal da doença. In Nogueira, R. P. (org). *Determinação social da Saúde e Reforma Sanitária*. Rio de Janeiro: Cebes, 2010.

PEREIRA, R. E; MICELI, B. C. Uso, conhecimento e fatores que influenciam o consumo de antidepressivos em universitários dos cursos de saúde de uma instituição de ensino superior privada do município de Sete Lagoas – MG. *Revista Brasileira de Ciências da Vida*, v. 6, n. 5, p. 113 -128, 2018

RANG, H. P. et al. **Rang & Dale Farmacologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

RIBEIRO, Aline Granada et al. Antidepressivos: uso, adesão e conhecimento entre estudantes de medicina. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, p. 1825-1833, 2014.

SOUZA, F. G. M. (1999). Tratamento da depressão. *Depressão*, 21, pp. 18-23.

SILVA, A. T.; GUERRA, B. T. O impacto da depressão para as interações sociais de Universitários. *Estudos e Pesquisas em Psicologia Rio de Janeiro* v. 14 n. 2 p. 429-452, 2014. STORPIRTIS, S. et al. Bases Conceituais do Novo Modelo de Atuação da Farmácia Universitária da Universidade de São Paulo (Farmusp). 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

VASCONCELOS, Tatheane Couto de et al. Prevalência de sintomas de ansiedade e depressão em estudantes de medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 39, n. 1, p. 135-142, 2015.